

ARTIGO ORIGINAL

O DESENHO E A CRIANÇA: DIFERENTES LINGUAGENS E EXPRESSÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Anderson Oramisio Santos¹
Guilherme Saramago de Oliveira²
Camila Rezende Oliveira³

Resumo

Este estudo versa sobre o desenho no desenvolvimento infantil e a formação de professores, bem como amplo debate sobre a importância, valorização dos conhecimentos prévios da criança, a importância do desenho que vai evoluindo com base nos estágios de evolução do desenho infantil propostos por Lowenfeld e Bédard, até a construção do próprio pensamento da criança que é baseado em sua relação direta com o objeto e seus sentimentos, sendo suas estruturas mentais que definem a representação e interpretação do desenho. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica apoiada em teóricos que discutem o tema como: Edwards (1984), Barros (2002), Derdyk (2004), dentre outros. Constata-se no interior do estudo que o tema não se esgota aqui, havendo a possibilidade de ampliação das discussões em face as diversas fases da infância acerca de realidades, culturas, individualidades, aptidões, particularidades e concepções.

Palavras-Chave: Educação infantil; Desenvolvimento Infantil; Desenho; Prática Pedagógica.

Abstract

This study deals with drawing in child development and teacher training, as well as a broad debate on the importance, appreciation of the child's prior knowledge, the importance of drawing that evolves based on the stages of evolution of children's drawing proposed by Lowenfeld and Bédard, to the construction of the child's own thinking, which is based on his direct relationship with the object and his feelings, and his mental structures define the representation and interpretation of the drawing. This is a bibliographic research supported by theorists who discuss the topic such as: Edwards (1984), Barros (2002), Derdyk (2004), among others. It appears within the study that the topic is not exhausted here, with the possibility of expanding the discussions in the face of the different stages of childhood about realities, cultures, individualities, aptitudes, particularities and conceptions.

Keywords: Early childhood education; Child Development; Design; Pedagogical Practice.

¹ Doutor em Educação. Docente do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Jataí. E-mail: anderson.santos@ufj.edu.br

² Doutor em Educação. Docente do Curso de Pedagogia e do PPGED da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: gsoliveira@ufj.edu.br

³ Doutora em Educação. Docente do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: milarezendeoliveira@hotmail.com

O DESENHO E A CRIANÇA: DIFERENTES LINGUAGENS

1. Introdução

No contexto de mudanças educacionais que o país vivencia com a promulgação da Constituição Federal em 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN – nº 9394/96. A Constituição Federal de 1988 traz no seu bojo a garantia da criança ser atendida em creches e pré-escolas. A LDBEN nº 9394/96, institucionaliza a Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica e merece uma pedagogia voltada para à infância.

Recentemente aprovada a BNCC – Base Nacional Comum Curricular em vigor desde 2017, emergiram as discussões no território nacional, com o objetivo de imprimir qualidade na educação brasileira, que em seus princípios “[...] apresenta os direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento e devem orientar a elaboração de currículos para as diferentes etapas da escolarização.” (BRASIL, 2017, p. 25).

O documento é normativo e, embora em vigor, considera os documentos oficiais que a antecederam como os Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Assim, a BNCC segue nessa mantendo debates, formação continuada a professores, a fim de que a compreensão das diretrizes que a compõem seja cumprida e as crianças recebam os benefícios de uma educação de qualidade. Em sua organização, as Bases Nacionais Comuns Curriculares inserem em seu contexto a Educação Infantil mantida sobre cinco pilares: Princípios da Educação Infantil; Cuidar e Educar; Interações e Brincadeiras; Seleção de práticas, saberes e conhecimentos, com foco na criança.

Com essa definição, os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento são mantidos sobre cinco pautas: conviver, brincar, participar, explorar, expressar, conhecer-se, objetivos esses ordenados a partir da subdivisão presente no documento sobre as faixas etárias, sendo: bebês (0 a 18 meses), crianças bem pequenas (19 meses a 3 anos e 11 meses) e pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses).

Nesse âmbito, a BNCC apresenta cinco áreas de atuação a serem valorizadas: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e imagens; Escuta, fala linguagem e pensamento; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações (quatro anos a cinco anos e onze meses). A partir dessas orientações, a arte ganha espaços como experiências, e especialmente, ao se referir às artes visuais, envolve: Traços, Sons, Cores,

Formas e Cores, considerando que as experiências são linguagens artísticas que se referem à aprendizagem.

Dessa forma, o objetivo dessa pesquisa consiste em realizar uma análise teórica sobre a contribuição do desenho no desenvolvimento da criança na Educação Infantil.

Nesse âmbito, o desenho infantil não é um fator isolado de aprendizagem, pois depende de outros aspectos como o ambiente social em que a criança vive as oportunidades de acesso a recursos e ações que facilitem e estimulem o desenho, o grafismo e as variadas expressões que o desenho oferece, a partir dos saberes e experiências das crianças. Este aspecto leva à importância do desenho para as crianças e suas atividades, também, para os educadores e suas ações intencionais, respeitando-se prioritariamente o ritmo de aprendizagem da criança, a forma como sua evolução se desenvolve, uma vez que cada uma possui seu próprio tempo e dinâmica de internalização das experiências vividas.

Os procedimentos de coleta de dados, partem de uma pesquisa bibliográfica – documental. Para Cervo e Bervian (1996),

A pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental. Em ambos os casos, busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema (CERVO; BERVIAN 1996, p. 48).

Quando se faz uso do termo documento, estamos utilizando a concepção de Ludke e André (1986) para essa expressão.

São considerados documentos “quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano” (Phillips, 1974, p. 187). Estes incluem desde leis e regulamentos, normas, pareceres, cartas, memorandos, diários pessoais, autobiografias, jornais, revistas, discursos, roteiros de programas de rádio e televisão até livros, estatísticas e arquivos escolares (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 38).

A proposta de investigação é de um estudo documental, cujas fontes iniciais serão os documentos oficiais do Ministério da Educação.

2. O desenho e o desenvolvimento infantil

O DESENHO E A CRIANÇA: DIFERENTES LINGUAGENS

O desenho pode contribuir para o desenvolvimento intelectual, físico, em aspectos sociais e na capacidade criadora. A sociedade em geral refere-se ao tema como uma atividade informal e recreativa, mas os desenhos são atividades sérias e prazerosas, que podem desenvolver o conhecimento das cores, noções de espaços, topológicas, sistema de grafia, criatividade, reprodução de histórias contadas, complementando o processo de socialização, auxiliando a criança a pensar com clareza, desperta o seu raciocínio lógico, criatividade e habilidades.

Desenhar é uma atividade lúdica, reunindo, como em todo jogo, o aspecto operacional e o imaginário. Todo o ato de brincar reúne esses dois aspectos que se entrelaçam. A operacionalidade envolve o funcionamento físico, temporal, espacial, material, as regras; o imaginário envolve o projetar, o pensar, o idealizar, o imaginar situações. Ao desenhar o espaço do papel se altera. Desenhar é um processo curioso, tão interligado ao processo de ver que seria difícil separar os dois. A capacidade de desenhar depende da capacidade de ver como um artista vê – e esta maneira de ver pode enriquecer enormemente a vida de uma pessoa.

Os apontamentos iniciais contribuíram para a fundamentação de pesquisa as concepções de Fusari e Ferraz (1993) que abordam sobre a questão da arte como imitação e cópia, evidencia as proposições de aulas em que são desvinculadas à capacidade e responsabilidade sócias político do educador. Nota-se, portanto, em função de esclarecimentos de Edwards (1984), a respeito do desenvolvimento do desenho desde a infância até a adolescência, período em que há o abandono do ato de desenhar em função da repressão da sociedade e a expressividade artística.

Complementa as ideias de Edwards (1984), é tomado como princípio o conceito da representação através da evolução de desenho, contribui com os estágios operacionais de desenvolvimento. Barros aponta que,

O desenho tem sido empregado pela maioria dos educadores como uma atividade para ocupação e recreação das crianças. Atualmente, reconhecemos nele um novo valor: é um meio de expressão da vida mental; isto é, pelo desenho a criança revela coisas que se passam no seu íntimo e que ainda não é capaz de revelar pela linguagem falada. (BARROS, 2002, p. 187)

Toma-se por base as pesquisas apresentadas por Furasi e Ferraz (1993), ligados aos fornecidos por Edwards (1984), Derdyk (2004) e Barros (2002), irão oferecer suporte quanto à análise das representações gráficas, possibilita então conhecer o processo pelo qual o desenvolvimento do desenho irá se manifestar e na relação deste com a criatividade e os diversos bloqueios no âmbito artístico, que impedem cultivar o pensamento criativo, pode resultar em danos cognitivos e afetivos.

Nos escritos de Derdyk (1994),

O desenho é brincadeira, é experimentação, é vivência. O desenho para a criança, “dona da brincadeira”, é o grande palco de seu universo íntimo. A criança desempenha todas as personagens, inventando regras que ela mesma se encarrega de subverter (DERDYK (1994, p. 63).

Toda criança desenha, pois sente o prazer no gesto, no traço e principalmente na marca produzida por ela. A criança desde muito pequena, começa a realizar os primeiros rabiscos, experimenta brincando, despertando um maior interesse ao perceber diferentes marcas. Os desenhos infantis são facilmente reconhecíveis e não se confundem com quaisquer outros tipos de expressão plástica.

Derdyk (2004, p. 52), acredita que o desenho para a criança é uma forma de expressão dos seus pensamentos e, ainda é por intermédio dos desenhos que ela interage e intervêm no mundo ao seu redor, o que é feito livremente sem preocupações ou limitações. A criança atribui um tom verídico a representação, ela cria pela necessidade existencial o que repercute em um crescimento emocional e psíquico e num desenvolvimento criativo e cognitivo.

Evidencia Dercyk, que a criança possui uma capacidade inata de reinventar o meio que a cerca, porém o mundo ficcional desnorteia sua espontaneidade. “A criança não se preocupa em alterar o meio ambiente intencionalmente. O adulto altera o mundo que o cerca consciente e intencionalmente, chegando a transformar os referenciais culturais.” (2004, p. 52)

A criança aprende brincando e pela diversidade de brincadeiras, que ela desenvolve capacidades física, mental, emocional e cognitiva. É importante, valorizar pedagogicamente, o brinquedo e o brincar para que as crianças explorem aspectos da vida, pois elas encontram no brincar e desenhar a melhor maneira de comunicar-se com o mundo ao seu redor. Com a brincadeira a criança interage melhor com as outras, passa a conviver com os diferentes sentimentos, que fazem parte de sua realidade interior e permite a ela expressar-se com mais naturalidade.

Para Derdyk (2004, p. 53), “a criança contemporânea se insere em um contexto
Cadernos da Fucamp, v.21, n.53, p.114-129/2022

O DESENHO E A CRIANÇA: DIFERENTES LINGUAGENS

sociocultural capitalista e cada vez mais a conduta infantil é marcada pelos clichês, pelas citações e imagens emprestadas.” Mas, mesmo fazendo parte de um mercado capitalista, o contato visual através do desenho ainda se antecipa à visualização do objeto, “a ilustração, o desenho animado, a história em quadrinhos, a propaganda, a embalagem são representações que se tornam quase realidade”.

Ainda em Derdyk (2004, p. 53-54) conceitua o desenhar como um ato que envolve ludicidade, iniciada no processo criador, ao qual faz a junção da operacionalidade voltada para aspectos funcionais e do imaginário direcionado a ideais, projetos e pensamentos. Essa atividade se concretiza de acordo com o ritmo de cada um. Ela ainda esclarece, que a recordação de forma que lembram a realidade é percebida pelas crianças num processo subliminar.

De acordo com as premissas de autor, ao analisar os desenhos, pode-se aprender muito sobre a criança, o modo de pensar e sobre as habilidades que estão em desenvolvimento.

Em meio àqueles traços sinuosos, obsessivos, limpos ou intrigantes, de repente a criança visualiza um grande jacaré de boca aberta. E aquele pontinho ali é o pingo da chuva que rapidamente se transforma numa tempestade, cobrindo todo o papel. E aquela mancha ali, olha é uma casa e uma flor. [...] essa operação induz à conjunção olho/cérebro/ mão/ instrumento/ ação (DERDYK, 1994, p. 63).

O desenho no universo da Educação Infantil e nas práticas pedagógicas devem ser valorizados não apenas como um simples desenho ou uma simples atividade da criança em determinado momento, mas também como sendo “[...] essencial ao seu ciclo inato de crescimento. Similarmente, as condições para o seu pleno crescimento (emocional, psíquico, físico, cognitivo)” (DERDYK, 1994, p. 52).

As diferentes formas e manifestações de linguagens encontram-se presentes na vida da criança e no meio social em que ela vive. A criança em contato com o meio social, com objetos, situações de desenvolvimento e aprendizagens, seja em sua casa, na escola, e nos diversos espaços frequentados por ela. Aos poucos, a criança em contato com chamados signos e instrumentos e se apropriam das diversas linguagens aprende a explorá-las e a descobrir novas formas de estar no mundo. Na Educação Infantil, o lúdico, o brincar, o desenho, o rabiscar, a oralidade, a verbalização, o diálogo entre crianças da mesma idade e ou crianças de idades diferentes acontece de forma direta e indireta o trabalho com as linguagens.

Imagine-se, que enquanto brinca, a criança imita a ação dos adultos e se incorpora em

alguns papéis sociais, ou seja, utiliza a sua imaginação para fantasiar. Assim, representa ser um professor, médico, escritor, ator, motorista, enfermeiro, cientista, dentre outras possibilidades idealizadas e sonhadas por ela. Desta forma, aproveita os diversos materiais presentes no seu cotidiano e atribui a eles novos valores e significados. Ela “transforma panela em volante, cabo de vassoura em cavalo, lençol em cabana, régua em avião, areia em estrada, inventa novos heróis, dá soluções às desigualdades e injustiças” (BENJAMIN, 1984, p.14).

A partir da reflexão do autor, consideramos que o uso de objetos e materiais que fazem parte do cotidiano da criança, lhe proporciona diferentes maneiras de organizar as suas relações sociais e inventar as suas próprias regras. Neste mundo do imaginário, a criança vivencia os diversos personagens criados por ela e experimenta muitas situações do seu contexto social.

É nas atividades pedagógicas, didáticas em que o professor pode introduzir situações de aprendizagens em que os desenhos realizados pelas crianças e suas representações, que se descobrem, significados, reconhece as cores, tamanhos, experimenta as inusitadas formas, os traços sinuosos, manipula as mais variadas texturas, explora os espaços do papel, encontra as diferentes maneiras para interpretar os seus desenhos como, também, apropriar-se da realidade no qual está inserida. Neste contato, vai haver o uso da oralidade da criança com o desenho e com as representações ali exploradas.

3. A criança e o desenho: diferentes linguagens e expressões

Machado (2007, p.17) conceitua o desenho como “[...] a arte de representar formas por meio de linhas ou traços sobre uma superfície. Entende-se que nessa perspectiva, o desenho é fruto da criatividade do homem para se expressar seus pensamentos e manter comunicação com seus pares”. Acompanha essa dinâmica, é pelo desenho que a criança interage com o seu meio, sendo essencial para o seu desenvolvimento e construção dos saberes.

O mesmo autor salienta que:

Ao apresentar, graficamente, imagens mentais daquilo que era visto, o homem das cavernas representou, e criou sons, símbolos, para se comunicar, e conforme o tempo foi se ajustando a realidade e se superando de modo cada vez mais eficaz, tendo a arte, incluindo o desenho, como recuso no seu processo de crescimento e registro do mundo (MACHADO, 2007, p.30).

O DESENHO E A CRIANÇA: DIFERENTES LINGUAGENS

Compreende-se que o autor, nessa citação, deixa explícito que a arte é um processo pelo qual a criança manifesta sua compreensão quanto às experiências vividas. Ela não nasce com a habilidade de desenhar, mas o seu relacionamento com o mundo e os objetos que a cercam é representado graficamente, inicia assim a construção dos conhecimentos. Esse desenvolvimento ocorre pela interpretação da criança de sua realidade vivida e das hipóteses construídas a respeito e são grafados em seus desenhos e cores.

Machado (2007, p.31) ressalta que o desenho nesse sentido leva à criança a “[...] um processo contínuo de aprendizagem e é uma construção individual.” Destaca ainda que o desenho passe por etapas como se fosse uma trajetória dos riscos às figuras. É esse processo que a criança deve vivenciar suas experiências tendo seu próprio tempo de aprender que deve ser observado e considerado.

Conforme Bédard (2010, p.8), “[...] sem perceber, a criança transporta seu estado anímico ao papel. Não é conveniente obrigá-la a desenhar se ela não sente a necessidade de fazê-lo. Deve desenhar por prazer e não por obrigação.” Portanto, o desenhar é uma ação livre e todas as suas faces devem ser exploradas em aulas de artes, ou seja, seu aspecto criativo, comunicativo e intelecto. Aulas de arte podem acontecer em espaços específicos onde são desenvolvidas uma diversidade de técnicas através de trabalhos manuais ou reproduções de alguma imagem de historinhas infantis ou outras.

Não se pode pensar a infância sem essas linguagens, pois são necessárias para o desenvolvimento e aprendizagem da criança e na formação de estruturas mentais superiores para a elaboração e reelaboração de novos conhecimentos. A partir do desenvolvimento da criança e das diversas linguagens, que emergiram as inquietações, as quais permeiam esta pesquisa, no que se refere, particularmente, à criança e suas diferentes linguagens na Educação Infantil.

Existem várias classificações referentes aos estágios e fases do desenvolvimento gráfico infantil, tendo em vista parâmetros sociais, culturais, psicológicos, pedagógicos. Existem, enfim, muitas formas e métodos para a compreensão das manifestações gráficas da criança. (DERDYK, 2004, p. 48)

O desenvolvimento da criança é complexo e varia muito a cada criança, é muito comum a criança começar a rabiscar papeis a partir de dois anos de idade. Pode-se assegurar

que nesta fase de rabiscos ou de garatuja a mediação do professor é essencial, estabelece um contato afetivo e pedagógico, onde ocorre a observação e as intervenções pelo professor. Na realidade, o essencial é para a criança, quando faz seus rabiscos no papel, deve estar livre para movimentar-se, criar, balbuciar e dá início ao que podemos chamar de desenho informal ou desenho infantil.

Para Moreira (2002, p. 28), “Garatuja”, é a nome designado para o desenho infantil, que é constituído em traços realizados pelo prazer da ação e da marca produzida. A criança os repete com o intuito de decifrar sua propriedade sobre a ação, sendo que inicialmente os traços são longitudinais e não seguem uma ordem, mas aos poucos vão assumindo formas.

Ao fazer o desenho, a criança cria e recria, individualmente, formas expressivas, integra percepção, imaginação, reflexão, sensibilidade, desenvolve também sentimentos e emoções que podem ser exprimidos como maior ou menor intensidade, experiências, pensamentos a serem apropriadas pelas leituras simbólicas.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI, 1998), para que as crianças possam criar suas produções, é preciso que o professor ofereça oportunidades diversas para que se familiarizem com alguns procedimentos ligados aos materiais utilizados, aos diversos tipos de suportes e para que possam refletir sobre os resultados obtidos. É complexo, assegurar sobre o desenvolvimento infantil, pois acontece na mesma forma, porém para elucidar a discussão em tela, destacam-se os estágios da criança em relação ao desenho:

- 1- Estágio da garatuja ou dos rabiscos: É o primeiro contato da criança com o desenho por meio de marcas aleatórias que ela reproduz em uma superfície qualquer. Esses rabiscos irão originar novas formas mais definidas, portanto as pessoas que fazem parte do seu meio social não devem desmerecer os rabiscos e considerá-los, unicamente, como exercício motor, mas encorajá-lo a interpretar os riscos e traçados.

O DESENHO E A CRIANÇA: DIFERENTES LINGUAGENS

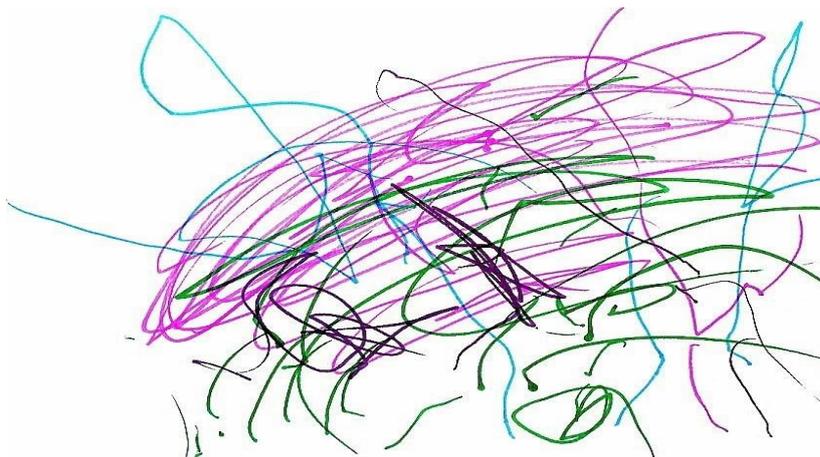


Figura 01: Garatuja
Fonte: acervo dos autores

As garatujas se desenvolvem de maneira desordenadas (Figura 1) correspondem a simples riscos, rabiscos, traços realizados pela criança, linhas sem direções. “[...] A criança encontra-se nesta fase ente um ano e meio e dois anos” (MÉREDIEU, 2006).

Inicialmente a criança garatuja desordenadamente, caoticamente, casualmente, longitudinalmente em todas as direções. Ainda não tem noção do campo total do papel. Às vezes o gesto se expande tanto que o traço acaba por sair do papel. [...]. As linhas-garatujas se sobrepõem umas às outras, formando camadas e mais camadas de rabiscos. (DERDYK, 1994, p. 60).

Na fase do desenvolvimento da criança, principalmente quando está inserida no universo da Educação Infantil, é normal que, ela queira desenhar pelas paredes, no próprio corpo, nos sofás, nos brinquedos, em qualquer superfície desde que haja algum material para riscar. Albano (212, p.26), salienta que “a criança nessa fase conquista o controle da mão, textura e instrumento”. E assim ira se empenhar em desenvolver riscos, rabiscos, traços, movimentos voluntários e involuntários em forma de diversas linguagens e expressões.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), enfatiza que as “garatujas não devem ser vistas pelo professor como tentativas de retratar o meio visual infantil”. É a maneira em que a criança encontra para identificar algo, explicar algo, algo real, o que é concebível. A manipulação de materiais artísticos, as diversas expressões e linguagens, apresentadas pela criança em determinada fase, constituem-se como

aprendizagens e características do seu desenvolvimento cognitivo.

2- Estágio esquemático ou dos símbolos: As linhas ou esquemas que antes não tinham significado passam a ser comparados com objetos do cotidiano. É nesse momento, que segundo Edwards, “[...] as crianças fazem uma descoberta fundamental em arte: um símbolo desenhado pode representar uma coisa que elas vêem em sua volta. [...]” É nesse momento que todos nós damos o pulo de conhecimento que é a base da arte, desde as pinturas pré-históricas das cavernas até a arte de Leonardo da Vinci, Rembrant ou Picasso. (EDWARDS, 1984, p. 79)



Figura 02: Representação da família
Fonte: portal tessamapp

Lowenfeld (1970), também classifica de desenhos como fase pré-esquemática, na faixa etária de quatro a cinco anos, cujas representações são apenas um círculo mais ou menos nebuloso, como se fosse a cabeça, e depois ligada a pernas e braços, é o que se chama de esquema corporal.

Nessa etapa, segundo Edwards (1984), a criança expressa por meio de traçados simbólicos sua percepção do meio que a cerca, como sentimentos e emoções incrementa, cada vez mais, as poucas linhas iniciais.

A partir deste momento a criança começa a desenhar de forma intencional, representando imagens importantes a ela. Para Remediu (2006) [...] “ o desenho-jogo simbólico vai se modificando e conquistando novas formas. Vão aparecendo figuras fechadas, com inscrições dentro e fora”. Começam a surgir os primeiros bonecos, com uma cabeça,

O DESENHO E A CRIANÇA: DIFERENTES LINGUAGENS

olhos, pernas e braços longos, estes últimos saindo da cabeça. Ainda Méredieu (2006) completa que isso ocorre porque as crianças acreditam que o processo de pensar sucede pela boca e a adição de pernas e braços faz desse centro algo móvel e pode indicar um ser realmente funcional.

A utilização da imaginação e da criatividade da criança é viva e dependem da influência do meio em que se encontra e das infinitas possibilidades de conhecer, sentir, explorar, experimentar os elementos que compõem o meio.

3) Estágio da complexidade: Período de uso expressivo da imaginação e da criatividade, momento em que a criança se preocupa com a aparência dos objetos e seres, fazem com que os desenhos apareçam mais detalhados e com combinações, objetiva demonstrar um maior realismo.



Figura 03: desenho livre
Fonte: portal mgervasom. blogspot

Neste estágio a criança lança mão de alguns recursos que são esclarecidos por Barros (2002) como:

Transparência – As crianças desta fase (alunos do primeiro grau), procurando representar os objetos do modo mais completo possível, desenharam algumas de suas partes transparentes. [...]

Descontinuidade – A criança desenha separadas certas partes dos

objetos para que possa aparecer um maior número de elementos. [...]
Perspectiva absurda – Num mesmo desenho, a criança adota dois pontos de vista diferentes: de frente e lateral, [...]
Projeção em plano – A criança desenha os objetos como se estivessem sendo vistos do alto.
Representação da duração – A criança procura desenhar cenas animadas, e uma pessoa em diferentes lugares (BARROS, 2002, p. 194-195)

A representação de objetos, paisagens e espaços (mesmo que só intencionalmente), necessita de apropriação por parte da criança, já que vincula os elementos do desenho e os coloca no papel em forma de rabiscos e formas, a fim de apresentar suas vivências e experiências ou o real e o simbólico. À medida que, a criança no meio social, com interações diversas com outras crianças, com a professora e materiais diversos visuais, como lápis preto, de cor, de cera, canetas, carvão, giz, penas, gravetos etc., e utiliza-se de diferentes suportes, com o papel, cartolina, lixas, chão, areia, terra, origina as primeiras representações da grafia.

Quando uma criança brinca ou desenha, principalmente durante o período da creche e da pré-escola, ela embrenha-se a espelhar em alguém, imitar alguém, ou por meio da imitação reproduzir situações. Segundo Vygotski (2000), “é pela imitação que a criança aprende e faz parte do processo de desenvolvimento criativo do ser humano”. A utilização da linguagem, da escuta, que irão se tornar mais complexa de acordo com o seu desenvolvimento e o envolvimento, o que tornam os desenhos mais detalhados, com caracterização e identificação de quem visualiza.

Em muitas instituições de Educação Infantil, são contrárias a imitação, como algo negativo na formação da personalidade da criança e nas interações com outras crianças. Mas, para Vygotski (2000), a imaginação faz parte do processo intelectual em que a criança é influenciada pelo que vê e imita, agindo sob a influência do social, obtendo parâmetros ou pontos de partida, que dão início ao seu processo de criação. Segundo as pesquisas de Vygotski (2000), a criança não é capaz de imitar tudo o que vê, ela só imita aquilo que faz parte da sua capacidade intelectual naquele momento e na ocorrência de situações. Para VYGOTSKI (2000, p. 329), [...]. Em colaboração, a criança se revela mais forte e mais inteligente que trabalhando sozinha”.

Notadamente, o desenho, não é um conjunto de rabiscos sem objetivos e sem identificação, trata-se da escrita inicial da criança na Educação Infantil desprovidos de significado, e sim, carregado de significados, contribui para o desenvolvimento e aprendizagem da criança. O desenho deve ser visto como um processo mediador deve ser

Cadernos da Fucamp, v.21, n.53, p.114-129/2022

O DESENHO E A CRIANÇA: DIFERENTES LINGUAGENS

visto também pelo adulto que acompanha a criança, como exercício da criatividade, o fio condutor do desenvolvimento imaginário e propõe, posteriormente, a linguagem e escrita.

Na Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, é importante que a criança tenha oportunidade de desenhar livremente, em papéis, cartolinas, texturas e posições diferenciadas, com materiais diversos. A partir da fase em que a criança passa a dominar seus movimentos, gestos, as propostas e intervenções e em tamanhos e texturas diferentes, em posições variadas, com materiais diversos, respeita o ritmo de cada criança, as maneiras como os desenhos e rabiscos evoluem, porque cada criança tem um tempo e uma maneira de internalizar suas experiências.

O trabalho pedagógico do professor na Educação Infantil, não consiste apenas em observar e interpretar e sim aprender a questionar os desenhos infantis, compreender o que as crianças representam através de seus desenhos e que, muitas vezes, podem ser interpretadas erroneamente e possibilitar por meio desses questionamentos o acompanhamento dos avanços em relação à construção do pensamento infantil.

4. Considerações finais

Este estudo teve o objetivo de apresentar a importância do desenho na vida da criança e os aspectos de desenvolvimento psíquico e emocional observados pelos resultados. A revisão de literatura permitiu uma exploração do tema, a fim de se compreender como o desenho contribui como estratégia didático-pedagógica na Educação Infantil, sendo um instrumento valioso para ser explorado pelos professores.

Entende-se que a interpretação do desenho infantil, pode nos revelar diversas dificuldades de aprendizagem, tramas marcadas na vida de cada criança e se o educador não sabe fazer uso de recurso didático artístico para o desenvolvimento biopsicossocial do aluno, ele carregará consigo consequências sérias desse processo de aprendizagem. Tornando as pessoas mais dependentes das outras, incertas de suas decisões, travadas no tempo, sem apoio, e também poderá gerar pessoas amargas, tímidas e até desenvolverem doenças psicossomáticas, devido à ausência do se expressar, a imposição constante de limites sem um fim.

Os autores consultados nessa revisão bibliográfica são estudiosos do tema e demonstram como o desenho é essencial no desenvolvimento infantil, na construção do

conhecimento, da sua personalidade, usa seus riscos e rabiscos como linguagem de comunicação. É assim, que ela se expressa e amplia suas habilidades motoras, sua cognição, emoção e criatividade.

Destacou-se a função do professor em sala de aula no acompanhamento às crianças com intervenções intencionais e a necessidade de eles saberem como interpretar os desenhos a partir de riscos que parecem sem sentido à primeira vista, porém, na verdade, é a forma que a criança tem de expressar seus sentimentos, pensamentos, emoções e sua forma de estar no mundo. Os desenhos representam o interior da criança, que ainda não sabe se manifestar oralmente, uma linguagem a ser considerada e valorizada pelos adultos.

Conforme os desenhos, é possível fazer uma leitura da criança, seu contato com o mundo e sua visão das coisas que a rodeiam. Ao desenhar, ela se relaciona com as demais crianças e desenvolve suas habilidades. Ela tem necessidade de manifestar seus sentimentos e, à medida que, desenha, vai se revelando como pessoa e se relaciona com ambiente em que vive.

Conclui-se, que o desenho nas mais variadas fases da infância possibilita a assimilação e discussão de realidades, culturas, individualidades, aptidões e particularidades, fica-se claro que o tema não se esgota aqui, ainda existe um universo de possibilidades a ser pesquisado nesta área de conhecimento e as conclusões apresentadas são infinitas, no entanto, podem modificar concepções e guiar novas investigações.

Referências

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil. 1988.** Brasília, DF: Senado, 1988.

_____. **Lei nº 9.394/1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** DOU 23.12.1996.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>> Acesso em: 22 jul. 2020

_____. MEC/SEF. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: Conhecimento de Mundo.** V.3, 1998.

BARROS, C. S.G. **Pontos de psicologia do desenvolvimento.** 12. ed. São Paulo: Ática, 2002.

BÉDARD, N. **Como Interpretar os Desenhos das Crianças.** 1ª ed. 2010.

O DESENHO E A CRIANÇA: DIFERENTES LINGUAGENS

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Makron Books, 1996.

DERDYK, E. **Formas de pensar o desenho**. São Paulo: Scipione, 2004.

EDWARDS, B. **Desenhando com o lado direito do cérebro**. Rio de Janeiro: TecnoPrint, 1984.

FUSARI, M. F. R.; FERRAZ, M. H. C. de T. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.

LOWENFELD, V. **A criança e sua arte**. 2 ed. São Paulo. Mestre Jou, 1970.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, S. A. **O desenho da criança**. Campinas, SP: [s.n.], 2007.

MOREIRA, A. A. **O espaço do desenho: a educação do educador**. 13ª ed. São Paulo: Editora Loyola, 2009.

PIAGET, J. **A Equilibração das Estruturas Cognitivas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

VYGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKI, L. S. **O desenvolvimento psicológico na Infância**. Tradução Claudia Berliner. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1998.